

Silêncio, solidão

Scarlett Marton*

Resumo: A partir do exame do *Ecce Homo* e das passagens de *Assim falava Zaratustra*, que nele se acham incluídas, persegue-se o objetivo de investigar o lugar que a solidão ocupa na filosofia nietzschiana da maturidade e o papel que aí desempenha. Pretende-se mostrar que ela se impõe como profilática e regeneradora, marca distintiva e condição necessária para o pensar. Por fim, conta-se fazer ver que, à medida que ganha contornos mais nítidos, ela se radicaliza.

Palavras-chaves: Nietzsche – Zaratustra – silêncio – solidão

“Tenho necessidade de *solidão*” (EH/EH, Por que sou tão sábio, § 8), afirma Nietzsche em sua autobiografia. Inevitável, a solidão põe-se como necessária para o seu pensar. Tanto é que, ao definir o que entende por filosofia já nas primeiras páginas do prefácio ao *Ecce Homo*, ele não hesita em trazê-la à cena⁽¹⁾. E, ao introduzir seu *alter ego* logo nas primeiras linhas do prólogo a *Assim falava Zaratustra*, não titubeia em incluí-la⁽²⁾. É na solidão que o autor se entrega às suas reflexões filosóficas; é nela que a personagem vê encher-se a sua taça de sabedoria.

“Tenho necessidade de *solidão*”, assegura Nietzsche no *Ecce Homo*, “quero dizer, convalescença, retorno a mim, respiração de um ar livre, leve, lúdico...” (EH/EH, Por que sou tão sábio, § 8)

* Professora do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Restauradora, a solidão é determinante em suas vivências⁽³⁾. Acolhedora, ela recebe Zaratustra de volta à caverna e à montanha, de regresso ao lar⁽⁴⁾. É na solidão que autor e personagem se revigoram e se reencontram a si mesmos; é nela que se restabelecem do convívio com os homens.

“Tenho necessidade de *solidão*”, assevera Nietzsche na autobiografia, “quero dizer, convalescença, retorno a mim, respiração de um ar livre, leve, lúdico...” E continua: “Todo o meu Zaratustra é um ditirambo à solidão, ou, se me compreenderam, à *pureza*... Felizmente não à *pura doidade*” (EH/EH, Por que sou tão sábio, § 8). Imprescindível para evitar o contágio dos ideais⁽⁵⁾, indispensável para não deixar-se contaminar pela estupidez⁽⁶⁾, a solidão assume caráter profilático. É ela que assegura a Nietzsche/Zaratustra a limpidez do olhar com que investiga os seus contemporâneos; é ela que lhe garante a lisura do tato com que os examina.

Amplo é, pois, o lugar que a solidão ocupa na filosofia nietzschiana da maturidade; complexo é o papel que aí desempenha⁽⁷⁾. De múltiplas maneiras, ela se mostra; de variadas formas, então se revela. De caráter profilático, a solidão permite a Nietzsche pôr-se à distância do que ocorre à sua volta, afastar-se do desenrolar dos acontecimentos. Com isso, ele adota posição privilegiada para diagnosticar e avaliar a *décadence* em sua época; mais ainda, coloca-se, no seu entender, acima dela. Não é por acaso que julga situar-se Zaratustra a uma distância infinita do homem⁽⁸⁾. Determinante em suas vivências, a solidão proporciona a Nietzsche o alento necessário para refazer-se das incursões em seu tempo. Ele entra em contato com toda e qualquer sorte de mentira, embuste ou ideal, sem se envenenar; lida com todo e qualquer tipo de *décadents*, sem se corromper. “Sadio no fundamento”, não se deixa abater. Não é por acaso que acredita constituir a grande saúde o pressuposto fisiológico de Zaratustra⁽⁹⁾. Condição para o seu pensar, a solidão torna possível a Nietzsche distinguir-se dos homens do presente, diferenciar-se da maneira que têm de avaliar. Assim é

que ele se propõe a criticar a metafísica, a combater a religião cristã, a atacar a moral do ressentimento. Espera subverter termos comumente empregados; conta desestabilizar modos habituais de raciocinar; pretende pôr em xeque de forma contundente valores estabelecidos. Não é por acaso que considera *Assim falava Zaratustra* o seu livro mais dileto⁽¹⁰⁾.

Como compreender, então, que o filósofo se surpreenda com o descaso em relação aos seus livros, que se espante com o não-entendimento dos seus escritos? Como compreender o assombro com a própria solidão que expressa em sua autobiografia?

Ora, no prefácio mesmo ao *Ecce Homo*, talvez já se encontrem pistas para elucidar tais questões. Lá, ao discorrer sobre o seu livro mais dileto, ao sublinhar a delicada lentidão com que aí fala seu *alter ego*, Nietzsche cita justamente as primeiras palavras que diz Zaratustra ao chegar às ilhas bem-aventuradas:

“Os figos caem das árvores, eles são bons e doces: e ao caírem rasga-se sua casca vermelha. Um vento do norte sou eu, para figos maduros.

“Assim, iguais a figos, vos caem estes ensinamentos, meus amigos, bebei seu suco e sua doce polpa! É outono ao redor, e puro céu e depois do meio-dia”⁽¹¹⁾.

Na verdade, a segunda parte de *Assim falava Zaratustra* abre-se com cena similar à do prólogo. Logo no início do livro, depois de usufruir por uma década da solidão, o protagonista deixa sua caverna e sua montanha. Saturado da própria sabedoria⁽¹²⁾, ele vai ter com os homens. Não é a miséria do ser humano, as carências do semelhante ou a penúria alheia que o incitam; é “a riqueza, a exuberância, e até mesmo o absurdo esbanjamento”⁽¹³⁾ que o impelem. Na segunda parte do livro, outra vez ele deixa sua caverna e sua montanha. Mas, desta, não é em direção ao vale que segue e sim rumo às ilhas bem-aventuradas⁽¹⁴⁾. É lá que se encontram os que ama, os seus mais amados, os seus discípulos⁽¹⁵⁾. Outrora, des-

cera para o vale, porque sua taça estava a transbordar⁽¹⁶⁾; agora, mais uma vez, tem de presentear e partilhar⁽¹⁷⁾. Sofrendo de “*abundância de vida*”⁽¹⁸⁾, padecendo com a plenitude de sua sabedoria⁽¹⁹⁾, põe-se enquanto doador. E os dons que conta fazer consistem em seus próprios ensinamentos.

Cauteloso, Nietzsche quer ressaltar, na autobiografia, que seu *alter ego* não é nenhum profeta, fanático ou fundador de religião⁽²⁰⁾ – e, talvez por isso mesmo, nenhum sedutor. Prudente, quer destacar que ele não é nenhum sábio, santo ou redentor do mundo⁽²¹⁾ – e, quiçá por isso mesmo, nenhum *décadent*. Zaratustra não se propõe a arrebanhar os homens para sobre eles exercer o seu poder; e tampouco se dispõe a reunir os discípulos para deles fazer seus cúmplices ou comparsas. Não é, pois, para invadir espaços ou ampliar esferas de influência que fala. “É preciso mais que tudo saber *ouvir* corretamente o tom que vem dessa boca, esse tom alciónico”, adverte Nietzsche, “para não fazer uma injustiça deplorável ao sentido de sua sabedoria” (EH/EH, Prólogo, § 4). É preciso pôr-se à escuta de Zaratustra com coragem e despojamento, para perceber quão diferenciada é a sua fala. Não basta considerar o que ele diz; impõe-se ainda levar em conta como o diz. E assim insiste o autor em sublinhar que a personagem não recorre a quaisquer artimanhas para manipular os que estão à sua volta, não lança mão de quaisquer artifícios para fazer uso dos que se acham ao seu redor. Nem sedutor nem *décadent*, ele está longe de prestar-se a dissimulações. Afinal, Zaratustra “não somente fala de outro modo, ele é também de outro modo...” (EH/EH, Prólogo, § 4)

Não é, pois, por perseguir objetivos tão correntes em nossa época – e talvez já na sua – que Nietzsche escreve. Não é por abraçar propósitos tão comuns em nosso meio – e quiçá talvez já no seu – que ele publica. Para corroborar a imagem que tem de si mesmo, para reiterar a maneira pela qual apresenta seu *alter ego*, não hesita, ainda no prefácio à sua autobiografia, em dar outra vez a palavra a Zaratustra:

“Sozinho vou agora, meus discípulos! Também vós, ide embora, e sozinhos!⁽²²⁾ Assim quero eu.

“Afastai-vos de mim e defendei-vos de Zaratustra! E, melhor ainda: envergonhai-vos dele! Talvez vos tenha enganado.

“O homem do conhecimento não precisa somente amar seus inimigos, precisa também poder odiar seus amigos⁽²³⁾.

“Paga-se mal a um mestre, quando se continua sempre a ser apenas o aluno. E por que não quereis arrancar minha coroa de louros?

“Vós me venerais, mas, e se um dia vossa veneração desmornar? Guardai-vos de que não vos esmague uma estátua!⁽²⁴⁾

“Dizeis que acreditais em Zaratustra? Mas que importa Zaratustra! Sois meus crentes, mas que importam todos os crentes!⁽²⁵⁾

“Ainda não vos havíeis procurado: então me encontrastes⁽²⁶⁾. Assim fazem todos os crentes; por isso importa tão pouco toda crença.

“Agora vos mando me perderdes e vos encontrardes; - e somente quando me tiverdes todos renegado⁽²⁷⁾ eu retornarei a vós...”⁽²⁸⁾

No final da primeira parte de *Assim falava Zaratustra*, ao despedir-se de seus discípulos, o protagonista incita-os a apartarem-se dele. Antes de voltar para sua caverna e para sua montanha, exorta-os a seguirem a si mesmos. Se assim procede, é porque bem sabe das transformações por que terão de passar. Será preciso que se afastem do mestre, dele se defendam e se envergonhem, para que investiguem se não se deixaram induzir por um sedutor. Será preciso que cessem de venerá-lo e de nele acreditar, para que examinem se não se permitiram levar por um *décadent*. Numa palavra, será preciso que o reneguem, para que se certifiquem do próprio caminho.

Retomando essa passagem na autobiografia, Nietzsche recorre às palavras de Zaratustra para ilustrar o que dele pensa. E, ao falar, Zaratustra devolve a Nietzsche o que este pensa de si mesmo. Por negação, o autor põe-se a definir seu *alter ego*: enfatiza

que ele não se confunde com um profeta, fanático ou fundador de religião; não se identifica com um sábio, santo ou redentor do mundo, não é um sedutor ou um *décadent*. Então, passa-lhe a palavra. Zaratustra insta os discípulos a perguntarem-se a seu propósito. E, pelo mesmo movimento, Nietzsche convida os leitores a questionarem-se a seu respeito - e a respeito de si mesmos.

Não é, pois, em busca da multidão que se põe o autor; não é para todos que fala a sua personagem. “Algo assim só chega aos mais seletos; é um privilégio sem igual ser ouvinte aqui” (EH/EH, Prólogo, § 4). Mas, para perceber quão diferenciada é a atitude que personagem e autor adotam, bem sabem eles que é preciso limpidez do olhar, lisura do tato⁽²⁹⁾. E, para aguçar a visão, afiar os sentidos, também têm ciência de que não podem abrir mão da solidão⁽³⁰⁾. Tanto é que instigam seus interlocutores a abraçarem sozinhos o próprio percurso. Para comprovar as suas posições, para reafirmar as atitudes de seu *alter ego*, Nietzsche não vacila, em sua autobiografia, em dar pela terceira vez a palavra a Zaratustra:

“O que me aconteceu, afinal? Como me libertei do nojo? Quem rejuvenesceu meu olho? Como voei até às alturas onde nenhuma gentalha mais senta à beira do poço?

“Meu próprio nojo criou-me e deu-me forças que pressentem as fontes? Em verdade, até o mais alto tive de voar para encontrar de novo a nascente de prazer!

“Oh, encontrei-a, meus irmãos! Aqui, no mais alto, brota para mim a nascente de prazer! E há uma vida da qual não bebe gentalha alguma⁽³¹⁾.

“Jorras quase por demais impetuosa para mim, fonte de prazer!⁽³²⁾ E muitas vezes esvazias de novo a taça, por querer enchê-la!⁽³³⁾

“E ainda tenho de aprender a acercar-me de ti com maior modéstia: ainda por demais impetuoso corre o meu coração ao teu encontro.

“Meu coração, em que arde o meu estio, esse estio breve, escaldante, melancólico, mais que bem-aventurado. Como meu coração estival anseia pelo teu frescor!

“Terminou a titubeante tribulação da minha primavera! Terminou a maldade dos meus flocos de neve em junho! Estio, tornei-me por inteiro e estival meio-dia!”⁽³⁴⁾

Prenúncio de uma das seções mais decisivas de *Assim falava Zaratustra*, esta passagem põe em cena a transformação por que passa o protagonista. Aqui, pergunta-se ele se a gentalha é necessária à vida. Mais adiante, na seção intitulada “O convalescente”, ele se perguntará se é necessário que o pequeno homem retorne. Em ambas as seções, reluta em admitir tal necessidade até que acaba por aceitá-la. Em ambos os momentos, é “o nojo do homem”, “o grande fastio pelo homem”, que o atormenta. É bem verdade que não se trata de transformações de igual porte. Aqui, ela é brusca, pois permanece desconhecida a maneira pela qual se dá; lá, apresenta-se de forma bem mais elaborada. Aqui, ela reside em libertar-se do nojo do homem; lá, consiste em levar às últimas conseqüências o pensamento do eterno retorno. Mas, em ambos os casos, é na solidão que Zaratustra se transforma.

Aqui, é o próprio nojo que o impele a encontrar a nascente pura, a água não contaminada, a vida ainda não envenenada. Depois de lançar mão dos mais variados expedientes para sobreviver em meio aos homens, conviver com os ávidos por poder, viver junto aos aviltadores de toda sorte⁽³⁵⁾, numa palavra, depois de saturar-se de gentalha, ele vê o seu nojo converter-se em força capaz de lançá-lo para longe dela. Elevando-se ao ponto mais alto, na solidão das alturas⁽³⁶⁾, descobre a pureza. Atingindo o ponto culminante desta sua transformação, só lhe cabe agora descrever o seu novo estado. E Nietzsche, em sua autobiografia, faz questão de que ele o descreva:

“Estio, tornei-me por inteiro e estival meio-dia!

“Um estio no mais alto, com fontes frias e bem-aventurado silêncio. Oh, vinde, meus amigos, para que o silêncio se torne ainda mais bem-aventurado!

“Pois esta é a *nossa* altura e o nosso lar; aqui habitamos, por demais alto e íngreme para todos os impuros e sua sede.

“Lançai vosso olhar puro para a nascente de meu prazer, ó amigos! Como haveria ela de ficar turva por isso? Há de sorrir para vós com *sua* pureza⁽³⁷⁾.

“Na árvore futuro, construamos o nosso ninho; águias deverão trazer a nós, solitários, alimento em seus bicos!⁽³⁸⁾

“Em verdade, não um alimento de que os impuros pudessem partilhar! Imaginariam estar devorando fogo e queimariam os focinhos!

“Em verdade, não temos aqui moradas prontas para os impuros!⁽³⁹⁾ Caverna de gelo seria para os seus corpos a nossa felicidade, e para os seus espíritos!

“E, como ventos fortes, queremos viver acima deles, vizinhos das águias, vizinhos da neve, vizinhos do sol: assim vivem os ventos fortes.

“E tal como um vento quero um dia soprar entre eles e com o meu espírito tirar o fôlego ao seu espírito: assim quer o meu futuro.

“Em verdade, um vento forte é Zaratustra⁽⁴⁰⁾ para todas as baixuras; e este conselho dá aos seus inimigos e a tudo o que cospe e escarra: ‘Guardai-vos de cuspir *contra* o vento!’⁽⁴¹⁾

Na sua caverna e na sua montanha, Zaratustra não se restringe a apartar-se de seus contemporâneos; espera deles se distinguir. Não se limita a pôr-se à margem de sua época; quer dela se diferenciar. Na solidão, desfruta o silêncio, a água pura, o ar fresco, o alimento genuíno, a morada acolhedora; na solidão, encontra o seu lar. Assumindo valores que contrastam com os dos homens de seu tempo, torna sua morada imprópria para eles; abraçando perspectivas avaliadoras que se contrapõem às que adotam,

faz de seu lar um lugar a eles inacessível. E, mesmo na topografia, deixa expressa sua singularidade; por demais alto e íngreme, habita.

É na solidão que Nietzsche/ Zaratustra procura restabelecer-se das próprias enfermidades⁽⁴²⁾. Exemplo para o enfermo, o médico deve, antes de tudo, curar a si mesmo. No *Ecce Homo*, o autor relata as razões de suas escolhas quanto à alimentação, clima, lugar, espécie de recreação, preferências literárias e musicais⁽⁴³⁾. Em *Assim falava Zaratustra*, a personagem conta o que a leva a adoecer e o que a faz convalescer⁽⁴⁴⁾.

Livrando-se da opressão de que outrora padecia, libertando-se do nojo do homem, Zaratustra vem como o vento forte que, desde o alto da solidão das montanhas, sopra nas baixuras. Agora, sua atitude não é mais, como outrora, a de um aleijado, cego, surdo e mudo, quando assim se sentia por não se contagiar com a gentalha, quando assim se fazia para com ela não se contaminar. Agora, ciente de sua singularidade, põe-se no meio dos homens. Sem precisar mutilar-se, a eles resiste pela sua própria presença. Sem ter de ocultar-se, a eles constitui resistência só pelo fato de existir.

Além de profilática, a solidão é, pois, restauradora; mais ainda, ela converte-se na marca distintiva de Nietzsche/ Zaratustra. Não é por acaso que se põe como condição necessária para o seu pensar. No *Ecce Homo*, o autor faz da solidão parte integrante da maneira pela qual concebe a filosofia; considera-a determinante em sua tarefa, decisiva em sua obra⁽⁴⁵⁾. Em *Assim falava Zaratustra*, a personagem converte a solidão em peça-chave de sua jornada; por duas vezes, ao despedir-se de seus discípulos e ao deixar a cidade que amava⁽⁴⁶⁾, volta a ela em seu percurso.

Afinal, é só na solidão que se cria. Na cidade, os sentidos ofuscam-se mediante o alarido dos homens, o ruído dos grandes, o zumbido das moscas venenosas. No mercado, o olhar turva-se perante o espetáculo dos senhores da hora, dos que fazem estardalhaço, dos que levam ao delírio. No vale, o tato entorpece-se dian-

te da cobiça e da sofreguidão, da vaidade e da arrogância, das ervas daninhas que não cessam de proliferar. Mas outro é o ritmo da criação, lento é o tempo da solidão. Implacável, ela integra as reflexões filosóficas de Nietzsche; incorpora-se à sabedoria leonina de Zaratustra.

É bem verdade que o autor jamais deixou de desejar leitores, e sua personagem nunca cessou de almejar ouvintes. Contudo, autor e personagem buscam interlocutores que tenham ciência de quão singulares eles são, que percebam quão diferenciada é a atitude que adotam; enfim, procuram por interlocutores que sejam, eles mesmos, diferenciados e singulares. Em sua autobiografia, Nietzsche deixa claro: “Quando formo a imagem de um leitor perfeito, surge sempre um monstro de coragem e curiosidade e, também, algo suave, ardiloso, cauteloso, um aventureiro e descobridor nato. Por fim: a quem no fundo me dirijo não saberia dizer melhor do que Zaratustra disse *a quem* quer contar seu enigma?” E, ainda uma vez, pela quarta vez, ele passa a palavra a seu *alter ego*:

“A vós, audazes buscadores, tentadores, e a quem quer que com arditas velas navegou por mares temíveis, –

“A vós, ébrios de enigmas, que se alegram com a luz do crepúsculo, cuja alma é atraída com flautas a enganosos sorvedouros: pois não quereis tateando seguir um fio com mão covarde; e, onde podeis *adivinhar*, detestais *deduzir*”⁽⁴⁷⁾.

Portanto, ao pintar o retrato do interlocutor tão almejado, é o seu próprio que pinta Nietzsche/Zaratustra. E assim reitera pelo avesso que a solidão lhe é indispensável, que ela lhe é de fato inalienável.

Perseguindo as passagens do *Ecce Homo*, em que o autor dá a palavra a seu *alter ego*, alguns traços se evidenciam. Na filosofia nietzschiana da maturidade, a solidão impõe-se como profilática e regeneradora, marca distintiva e condição necessária para o pen-

sar. Mas, à medida que ganha contornos mais nítidos, parece radicalizar-se. Não é para a multidão, que não tem ouvidos para as suas palavras, que se dirige Nietzsche/ Zaratustra; tampouco é para os discípulos, que estão a caminho de si mesmos, que fala. Ao eleger os mais seletos, põe-se em busca dos que sejam de seu feitio. E, assim como espera acercar-se de um interlocutor específico, conta apartar-se de outro⁽⁴⁸⁾.

Na terceira parte de *Assim falava Zaratustra*, na seção intitulada “Das velhas e novas tábuas”, o protagonista põe-se justamente a falar do processo que o leva a radicalizar a solidão⁽⁴⁹⁾. Convida o interlocutor a com ele subir as montanhas; adverte-o, porém, para não deixar-se seguir por nenhum parasita⁽⁵⁰⁾. Entende ser o parasita um verme, que se alimenta da dor de quem cria, que se nutre do sangue de quem inventa⁽⁵¹⁾; numa palavra, que vive às custas da alma mais excelsa. E, a partir dessa relação de nutrição, situa a alma mais excelsa e o parasita; contrapõe a espécie mais alta, plena e exuberante à mais baixa, carente e faminta⁽⁵²⁾.

Ora, ao caracterizar o tipo Zaratustra em sua autobiografia, Nietzsche retoma justamente essa seção. Suprimindo as passagens relativas ao parasita, torna a dar a palavra a seu *alter ego*, quando ele assim se define:

“a alma que possui a mais longa escala e no mais fundo pode descer,

“a alma mais vasta, que mais longe pode correr e errar e vaçar dentro de si, a mais necessária, que por prazer se lança no acaso,

“a alma que é, e mergulha no vir-a-ser, a que tem, e *quer* mergulhar no querer e desejar,

“a que foge de si mesma, que a si mesma alcança nos círculos mais amplos; a alma mais sábia, à qual fala mais docemente a tolice,

“a que mais ama a si mesma, na qual todas as coisas têm sua corrente e contracorrente, seu fluxo e refluxo”⁽⁵³⁾.

É Zaratustra que os parasitas procuram sugar; é Nietzsche que buscam exaurir. Em *Assim falava Zaratustra*, a personagem julga os bajuladores repugnantes e ao animal mais repugnante dá o nome de parasita⁽⁵⁴⁾. No *Ecce Homo*, o autor percebe em muitos homens toda impureza disfarçada pelo verniz da educação e tem ciência de toda sujeira escondida nas pessoas que se dizem cultivadas⁽⁵⁵⁾. Se Nietzsche/ Zaratustra espera acercar-se dos que são de seu feitio, é dos filisteus da cultura⁽⁵⁶⁾ que conta apartar-se. É deles que, com determinação, quer manter-se inteiramente à parte.

E como caracterizar melhor os filisteus da cultura do que trazendo à cena traços que já apareceram para assinalar aqueles de quem Nietzsche/ Zaratustra se destaca? Não seriam os filisteus da cultura os que recorrem a quaisquer artimanhas para manipular os que estão à sua volta, os que lançam mão de quaisquer artifícios para fazer uso dos que se acham ao seu redor? Não seriam eles os sedutores e *décadents*, que não cessam de prestarem-se a dissimulações, os que buscam invadir espaços e ampliar esferas de influência? Numa palavra, não seriam “a gentalha do poder, do escrever e do prazer”?

Em *Assim falava Zaratustra*, dirigindo-se aos homens do presente, a personagem julga-os superficiais e desnecessários, impotentes e estéreis. Acusa-os de vacuidade e empáfia, de fazer alarido e sucumbir ao palavrório. Denuncia-os por serem imitadores e epígonos, por promoverem o pastiche e forjarem o amálgama⁽⁵⁷⁾. Já na *Primeira Consideração Extemporânea*, o autor julga haver na Alemanha um contraste peculiar: de um lado, acredita-se existir a verdadeira cultura; de outro, depara-se com um estado de miséria cultural. Mas, a seu ver, a opinião pública decidiu que tal contraste não existia⁽⁵⁸⁾. Afinal, nos meios que freqüentam, os filisteus da cultura sempre encontram necessidades e opiniões uniformes. E nem poderia ser de outro modo, uma vez que em suas mãos se acham a arte e a educação, as instituições artísticas e os estabelecimentos de ensino. É esta uniformidade que lhes dá a

impressão de serem homens cultos; é ela que os leva a crer existir na Alemanha a verdadeira cultura. Ora, cultura pressupõe unidade de estilo; e unidade de estilo não se confunde com uniformidade de necessidades e opiniões. Portanto, o filisteísmo cultural não passa de unidade de falta de estilo⁽⁵⁹⁾. Trazendo em si a marca do negativo, é por oposição à cultura que ele ganha existência.

Pondo-se à distância do que ocorre à sua volta, afastando-se do desenrolar dos acontecimentos, Nietzsche/ Zaratustra coloca-se a partir de outro ângulo de visão. Assume valores que contrastam com os dos homens de seu tempo; abraça perspectivas avaliadoras que se contrapõem às que eles adotam. Distingue-se de seus contemporâneos; diferencia-se de sua época. Está, pois, em condições de combater o filisteísmo cultural que então presencia. Tanto é que investe contra “todo o enxame pululante dos ‘cultivados’”⁽⁶⁰⁾.

Não é por acaso, pois, que Nietzsche/ Zaratustra se sente sugado pelos parasitas, exaurido pelos filisteus da cultura. Pondo-se como puro doador, vê expropriados os bens da própria dor, usurpados os frutos do próprio sangue. E, então, num misto de lamento e revolta, entoou este canto:

“É noite: agora falam mais alto todas as fontes que jorram. E também minha alma é uma fonte que jorra.

“É noite: só agora despertam os cantos dos amantes. E também minha alma é o canto de um amante.

“Algo insaciado, insaciável está em mim, que quer se expressar. Um anseio de amor está em mim, que fala ele mesmo a linguagem do amor.

“Luz sou eu⁽⁶¹⁾: ah, fosse eu noite! Mas esta é a minha solidão: estar cingido de luz.

“Ah, fosse eu escuro e noturno! Como iria sugar no peito da luz!

“E ainda a vós iria abençoar, estrelinhas cintilantes e pirlampos lá de cima! – e ser bem-aventurado por vossos presentes de luz.

“Mas vivo na minha própria luz, sorvo de novo em mim as chamas que de mim saem.

“Não conheço a felicidade dos que recebem; e tantas vezes sonhei que roubar tem de ser ainda mais bem-aventurado que receber⁽⁶²⁾.

“Esta é a minha pobreza: que a minha mão não descansa nunca de dar; esta é a minha inveja: que eu veja olhos que esperam e as noites iluminadas do anseio”⁽⁶³⁾.

É assim que, em sua autobiografia, Nietzsche passa outra vez a palavra a Zarathustra. Depois de ressaltar “a solidão *ani!*” em que vive o seu livro mais dileto, depois de salientar o caráter incomparável de seu *alter ego*, retoma justamente o que este diz antes do nascer do sol. Mas, ao trazer à cena “O canto noturno”, Nietzsche põe em questão a atitude mesma que Zarathustra assume, no momento em que é convidado, por vez primeira, a falar no *Ecce Homo*. Então, ele sofria de “abundância de vida”, padecia com a plenitude de sua sabedoria - e punha-se enquanto puro doador. Agora, sofre de “abundância de vida”, padece com a plenitude de sua sabedoria - e queixa-se por estar condenado a dar. Lastima não ser escuro e noturno; deplora não poder receber. Sabe, porém, que a própria luz se contrapõe à escuridão da noite, que o imperativo tão seu de irradiar amor contrasta com a necessidade de tantos de viver do amor⁽⁶⁴⁾. E, ao dar-se conta da sua singularidade, tem ciência de que a sua solidão se radicaliza ainda mais. Tanto é que continua o seu canto:

“Ó desventura de todos os que dão! Ó eclipse de meu sol! Ó desejo de desejar! Ó fome ardente na saciedade!

“Eles recebem de mim: mas ainda toco a sua alma? Há um abismo entre receber e dar; e o abismo menor é o último a ser transposto.

“Uma fome nasce da minha beleza: gostaria de magoar aqueles que ilumino, gostaria de assaltar os que presenteio – assim tenho fome de maldade.

“Retirar a mão, quando para ela já se estende outra mão; igual à cascata, que vacila ainda na queda - assim tenho fome de maldade.

“Tal vingança imagina a minha plenitude, tal perfídia brota da minha solidão.

“Minha felicidade em dar morreu ao dar, minha virtude cansou-se de si mesma em seu excesso!

“Quem sempre dá corre o perigo de perder o pudor; a quem sempre partilha formam-se, de partilhar, calos na mão e no coração.

“Meu olho já não se enche de lágrima ante o pudor dos que pedem; minha mão tornou-se dura demais para o tremor das mãos cheias.

“Para onde foram as lágrimas do meu olho e a penugem do meu coração? Ó solidão de todos os que dão! Ó silêncio de todos os que iluminam!”⁽⁶⁵⁾

Desde a primeira página do prólogo a *Assim falava Zaratustra*, o protagonista compara-se ao sol; mais ainda, identifica-se com ele⁽⁶⁶⁾. Como o astro que se põe todos os dias no horizonte, ele tem de descer da montanha para o vale, dos cumes para as profundezas, do mundo para o submundo; por exuberância, ele tem de declinar. Agora, ao queixar-se de não ser noite e escuridão, Zaratustra afirma pelo mesmo movimento sua condição solar. Plena luz, lastima os que dele recebem; não entendem a magnitude do que lhes dá. Irradiando amor, deplora os que dele se acercam; sequer compreendem que nada têm a oferecer-lhe. Esgotado, não quer mais presentear; exausto, já não deseja partilhar. Sem fazer concessões, sabe que é o isolamento o que lhe cabe. Sem abdicar de si mesmo, tem ciência de que é a solidão o que lhe compete. Tanto é que assim conclui o seu canto:

“Muitos sóis circulam no espaço vazio: a tudo o que é escuro falam com sua luz – a mim silenciam.

“Ó, esta é a inimizade da luz contra o que ilumina: impiedosa percorre ela sua órbita.

“Injusto no mais fundo do coração para com o que ilumina, frio para com os sóis – assim corre cada sol.

“Igual a uma tempestade, percorrem os sóis suas órbitas; seguem sua vontade inexorável: esta é a sua frieza.

“Ó seres escuros, noturnos, só vós retirais calor do que ilumina! Só vós bebeis o leite e o bálsamo dos úberes de luz!

“Ah, há gelo ao meu redor, minha mão se queima no gelo! Ah, em mim há sede, que grita por vossa sede!

“É noite: ah, que eu tenha de ser luz! E sede do noturno! E solidão!

“É noite: como uma nascente brota de mim meu desejo – falar eu desejo.

“É noite: agora falam mais alto todas as fontes que jorram. E também minha alma é uma fonte que jorra.

“É noite: agora despertam os cantos dos amantes. E também minha alma é o canto de um amante”⁽⁶⁷⁾.

Num movimento circular, encerra-se “O canto noturno”. Sabedor de seu amor incomensurável, Zaratustra começa por questionar sua atitude de puro doador e, ciente de seu incomensurável amor, acaba por constatar que jamais poderá receber. Entende, agora, que o sol ilumina apenas ao que é noite e escuridão; ser escuro e noturno é a condição de quem recebe. Agora, compreende que o luminoso é inimigo do que brilha; ser plena luz é a condição de quem dá. Entre astros, não há relação possível; frios entre si, eles seguem caminhos singulares, perseguem órbitas diferenciadas⁽⁶⁸⁾. Andarilho como Zaratustra, cada qual abraça o próprio destino. Solitário como Nietzsche, cada qual tem de tornar-se o que é. A quem dá, os sóis calam; a quem irradia luz, eles silenciam.

Não é, pois, por desapontar-se com os seus contemporâneos que Nietzsche se surpreende com o descaso em relação aos seus

livros. Seria preciso converter-se num deles, tornar-se por exemplo um filisteu da cultura, para granjear fama. Tampouco é por desiludir-se com os seus pares que se espanta com o não-entendimento dos seus escritos. Seria preciso abrir mão de sua tarefa, missão e destino, para obter reconhecimento. Se ele se assombra com a própria solidão, é porque não aceita a sua condição solar.

É que solidão mesmo é não ter contato com outros astros, não poder relacionar-se com outros sóis. Por excesso, o autor vê-se compelido a buscar eternamente o leitor tão almejado. Por desmedida, seu *alter ego* está fadado a sempre procurar pelo ouvinte tão amado. No *Ecce Homo*, um considera “O canto noturno” “o mais solitário canto jamais composto”⁽⁶⁹⁾. E, em *Assim falava Zaratustra*, o outro, imerso na “solidão do sol na luz”, põe-se a entoá-lo.

“Coisa igual não foi jamais criada, jamais sentida, jamais *sofrida*”, comenta Nietzsche. “Assim sofre um deus, um Dioniso. A resposta a um tal ditirambo de solidão do sol na luz seria *Ariadne...*⁽⁷⁰⁾ Quem, além de mim, sabe o que é *Ariadne!*...” (EH/EH, Assim falava Zaratustra, § 8)

Assim silenciou Nietzsche.

Notas

- (1) Cf. EH/EH, Prólogo, § 3: “Quem sabe respirar o ar de meus escritos sabe que é um ar da altitude, um ar *forte*. É preciso ser feito para ele, senão o perigo de se resfriar não é pequeno. O gelo está perto, a solidão é descomunal – mas com que tranqüilidade estão todas as coisas à luz! com que liberdade se respira! quanto se sente *abaixo* de si! – filosofia, tal como até agora a entendi e vivi, é a vida voluntária em gelo e altas montanhas”.
- (2) Cf. Za/ZA, Prólogo, § 1: “Quando Zaratustra tinha trinta anos, deixou a sua terra natal e o lago de sua terra natal e foi para as montanhas. Ali desfrutou de seu espírito e de sua solidão e, durante dez anos, deles não se cansou”.
- (3) Cf. EH/EH, Por que sou tão sábio, § 2: “Aquela energia para isolar-me e dissociar-me absolutamente de condições habituais, a coação contra mim, de não mais me deixar cuidar, servir, *medicar* – denuncia a incondicional certeza instintiva sobre *o que*, naquele tempo, era necessário mais que tudo”.
- (4) Cf. Za/ZA III “A volta ao lar”: “Ó solidão! Solidão, meu *lar*! Tempo demais vivi selvagemmente em selvagens terras estranhas, para não regressar sem lágrimas!”
- (5) Cf. EH/EH, Prólogo, § 3: “Erro (- a crença no ideal -) não é cegueira, erro é *covardia*... Cada conquista, cada passo avante no conhecimento *decorre* do ânimo, da dureza contra si, do asseio para consigo... Não refuto os ideais, apenas calço luvas diante deles...”
- (6) Cf. EH/EH, Por que sou tão sábio, § 8: “O *nojo* do homem, da ‘gentalha’, foi sempre o meu maior perigo... Querem ouvir as palavras com que Zaratustra fala da *redenção* do nojo?”
- (7) A propósito da maneira pela qual Nietzsche e a literatura alemã tratam do tema da solidão, cf. Lämmert 3.
- (8) Cf. EH/EH, Assim falava Zaratustra, § 6: “Aqui o homem é superado a cada momento, o conceito ‘além-do-homem’ fez-se aqui realidade suprema –, tudo o que até agora se chamou grande no homem situa-se a uma distância infinita, *abaixo* dele”.
- (9) Cf. EH/EH, Assim falava Zaratustra, § 2: “Para compreender esse tipo, é preciso primeiro ter clareza sobre o seu pressuposto fisiológico; este é o que denomino a *grande saúde*”.

- (10) Cf. EH/EH, Prólogo, § 4: “Dentro de meus escritos, meu Zaratustra está sozinho. Com ele fiz à humanidade o maior presente que até agora lhe foi feito”.
- (11) EH/EH, Prólogo, § 4, que retoma a passagem de Za/ZA II “Nas ilhas bem-aventuradas”.
- (12) Cf. Za/ZA, Prólogo, 1ª Seção: “Estou saturado de minha sabedoria, como a abelha que acumulou demasiado mel; preciso de mãos que se estendam”.
- (13) Cf. a esse respeito GD/CI, Incursões de um extemporâneo, § 14, intitulado “Anti-Darwin”: “No tocante ao célebre ‘combate pela vida’, ele me parece às vezes mais afirmado que provado. Ocorre, mas como exceção; o aspecto global da vida *não* é a situação de indignância, a situação de fome, mas antes a riqueza, a exuberância, e até mesmo o absurdo esbanjamento - onde se combate, combate-se por *potência*...”
- (14) Ponto geográfico na segunda e terceira partes do livro (cf. Za/ZA II “O menino com o espelho”; Za/ZA II “Nas ilhas bem-aventuradas”; Za/ZA II “Dos grandes acontecimentos”; Za/ZA III “Da visão e enigma”, 1ª Sub-seção, e Za/ZA III “Da bem-aventurança contra vontade”), as ilhas bem-aventuradas convertem-se, na quarta, em lugar idílico (cf. Za/ZA IV “A saudação”); delas Zaratustra então se lembra com nostalgia, a nostalgia de quando estava com seus discípulos. Na terceira parte do livro, ao descrever o arquipélago (Za/ZA III “O andarilho”), Zaratustra talvez aluda às ilhas de Ischia e Capri, de que Nietzsche guardou uma lembrança idílica desde sua estada em Sorrento (cf. Quinot 9, p. 63 e Pascual 8, nota 119).
- (15) Cf. Za/ZA II “O andarilho”: “Como um grito e um clamor, quero percorrer vastos mares até encontrar as ilhas bem-aventuradas, onde se encontram os meus amigos”; cf. também Za/ZA III “Da bem-aventurança contra vontade”: “Ainda verdejam os meus filhos em sua primeira primavera, árvores do meu jardim e do meu melhor terreno bem perto umas das outras e juntas agitadas pelos ventos. E, em verdade, onde há tais árvores perto umas das outras, ali *há* ilhas bem-aventuradas”.
- (16) Cf. Za/ZA, Prólogo, 1ª seção, em que Zaratustra assim se dirige ao sol: “Abençoa a taça que quer transbordar, para que dela a água corra dourada e a toda a parte leve o reflexo de tuas delícias!”
- (17) Cf. Za/ZA, Prólogo, 1ª seção: “Gostaria de presentear e partilhar, até que os sábios dentre os homens voltem a alegrar-se de sua doçura e os pobres, de sua riqueza”.

- (18) Cf. a esse propósito FW/GC § 370: “Mas há duas espécies de sofrendores, primeiro os que sofrem de *abundância de vida*, que querem uma arte dionisíaca e, do mesmo modo, uma visão e compreensão trágicas da vida - e depois os que sofrem de *empobrecimento de vida*, que procuram por repouso, quietude, mar liso, redenção de si mesmo pela arte e pelo conhecimento, ou então a embriaguez, o espasmo, o ensurdecimento, o delírio”.
- (19) Cf. Za/ZA I “O menino com o espelho”: “Assim se passaram para o solitário luas e anos; mas a sua sabedoria crescia e fazia-o sofrer com a sua plenitude”.
- (20) Cf. EH/EH, Prólogo, § 4: “Aqui não fala nenhum ‘profeta’, nenhum daqueles arrepiantes híbridos de doença e vontade de potência que são chamados fundadores de religiões”. E logo adiante: “Aqui não fala nenhum fanático, aqui não se ‘prega’, aqui não se exige *crença*”.
- (21) Cf. EH/EH, Prólogo, § 4: “Não será Zaratustra, com tudo isso, um *sedutor*? Mas o que diz ele mesmo, quando primeira vez retorna para sua solidão? Exatamente o contrário daquilo que algum ‘sábio’, ‘santo’, ‘redentor do mundo’ e outro *décadent* diria em tal caso...”
- (22) A propósito da necessidade da solidão, cf. Za/ZA I “Das moscas do mercado” e Za/ZA I “Do caminho do criador”.
- (23) Cf. *Mateus* 5, 43-44: “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos”. Nietzsche retoma, aqui, a idéia já presente em Za/ZA I “Do amigo”: “Deve-se, no amigo, honrar ainda o inimigo. Podes acercar-te de teu amigo sem passar para o seu lado? No amigo, deve-se ter o melhor inimigo. Deves com o coração estar mais próximo dele, quando a ele te opões”.
- (24) Esta passagem lembra outra que se encontra nos *Ensaíos* de Emerson, cuja edição alemã Nietzsche possuía em sua biblioteca. Cf. Emerson 2, p. 351.
- (25) Cf. Za/ZA, Prólogo, 9ª Seção: “Vede os crentes de toda crença! Quem eles odeiam mais? Aquele que quebra suas tábuas de valores, o quebrador, o infrator: - mas este é o criador”.
- (26) Cf. Za/ZA I “Do caminho do criador”: “‘Quem procura facilmente se perde a si mesmo. Todo ficar só é culpa’ - assim fala o rebanho”.
- (27) Cf. *Mateus* 10, 33: “Mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai”.
- (28) EH/EH, Prólogo, § 4, que retoma a passagem de Za/ZA I “Da virtude que dá”, 3ª Sub-seção.

- (29) Cf. EH/EH, Por que sou tão sábio, § 8: “Como sempre foi meu hábito – uma extrema lisura comigo mesmo é o pressuposto de meu existir, eu pereço em condições impuras -, eu nado e me banho e patinho continuamente em água, em algum elemento perfeitamente transparente e luminoso. Isso torna para mim o comércio com os homens uma prova nada pequena de paciência”.
- (30) Cf. Za/ZA I “Das moscas do mercado”: “Foge, meu amigo, para a solidão! Vejo-te ensurdecido pelo ruído dos grandes homens e picado pelos ferrões dos pequenos. Dignamente sabem calar-se contigo a floresta e o rochedo. Volta a ser igual à árvore que amas, a de ampla ramagem: silenciosa e atenta pende sobre o mar. Onde cessa a solidão, ali começa o mercado; e, onde começa o mercado, ali começa também o ruído dos grandes comediantes e o zumbido das moscas venenosas”.
- (31) Esta passagem é a contrapartida das primeiras linhas da seção, onde se lê: “A vida é uma nascente de prazer; mas, onde bebe também a gentalha, todas as fontes estão envenenadas”.
- (32) Remete a Za/ZA II “O andarilho”: “Meu impaciente amor jorra em torrentes, descendo para o nascente e o poente. Das silenciosas montanhas e das tempestades da dor, corre a minha alma murmurando nos vales”.
- (33) De igual modo, faz Zaratustra ao ir ter com os homens, na primeira parte do livro, e com os seus discípulos, na segunda.
- (34) EH/EH, Por que sou tão sábio, § 8, que retoma a passagem de Za/ZA II “Da gentalha”.
- (35) Pela atualidade do que descrevem, vale aqui retomar as linhas da seção “Da gentalha”, que antecedem a passagem citada por Nietzsche em sua autobiografia: “Não o meu ódio, mas o meu nojo roeu-me faminto na vida! Ah, quantas vezes não me cansei do espírito, quando achava também a gentalha espirituosa! E aos que dominam voltei as costas, quando vi o que agora chamam dominar: regatear e traficar pelo poder – com a gentalha! Entre povos de língua estrangeira morei com os ouvidos tapados: para que permanecesse estrangeira para mim a língua de seus regateios e de seus tráficos pelo poder. E, tapando o nariz, percorri contrariado todos os ontem e hoje: em verdade, todos os ontem e hoje fedem a gentalha que escreve! Igual a um aleijado que se tornou surdo e cego e mudo: assim vivi longo tempo, para não viver com a gentalha do poder, do escrever e do prazer. Com esforço, subia escadas o meu espírito, e com cautela; esmolos de prazer foram seu bálsamo, e apoiada no bastão arrastava-se a vida para o cego” (Za/ZA II “Da gentalha”)

- (36) A propósito da ocorrência de tais imagens nos escritos de Nietzsche e, em particular, em *Assim falava Zaratustra*, cf. Luke 4.
- (37) Essas linhas aparecem como a contrapartida destas outras logo no início da seção: “Lançaram os olhos lá no fundo do poço; agora, para mim sobe do poço o reflexo de seu repugnante sorriso”.
- (38) Estas linhas antecipam a cena da terceira parte do livro, em que Zaratustra, prostrado, não queria comer nem beber. Cf. Za/ZA III “O convalescente”, 2ª Sub-seção: “Seus animais, porém, não o abandonavam nem de dia nem de noite, salvo a águia que levantava vôo em busca de alimento. E o que recolhia e roubava, colocava-o no leito de Zaratustra” Cf. em outra direção *1 Reis* 17, 6: “Os corvos lhe (a Elias) traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer”.
- (39) Cf. em direção contrária Za/ZA, Prólogo, 4ª Seção: “Amo Aquele que trabalha e inventa para construir a casa para o além-do-homem e prepara para ele terra, animal e planta: pois assim quer sucumbir”.
- (40) Recorrente no livro, esta imagem aparece, por exemplo, em Za/ZA II “O adivinho”, Za/ZA III “Da virtude que apequena”, 2ª Sub-seção, e Za/ZA III “Das velhas e novas tábuas”, 16ª Sub-seção.
- (41) EH/EH, Por que sou tão sábio, § 8, que retoma a passagem de Za/ZA II “Da gentalha”.
- (42) “Tomei-me nas mãos, curei a mim próprio”, dirá o filósofo; “a condição para isso – todo fisiólogo o admitirá – é *ser sadio no fundamento*” (EH/EH, Por que sou tão sábio, § 2). “Médico, ajuda a ti próprio”, dirá seu *alter ego*; “assim ajudas também a teu doente. Seja esta tua melhor ajuda, que ele veja com seus olhos aquele que cura a si próprio” (Za/ZA I “Da virtude que dá”, 2ª Sub-seção).
- (43) Cf. EH, Por que sou tão esperto.
- (44) Cf. também Za/ZA II “O adivinho” e Za/ZA III “O convalescente”, 2ª Sub-seção.
- (45) Cf. EH/EH, Por que sou tão esperto, § 10: “A menor constrição, o ar sombrio, um tom duro na garganta são objeções a um homem, mais ainda à sua obra!... Não é lícito ter nervos... Objeção é também *sofrer* da solidão – sempre sofri somente da ‘multidão’...”
- (46) Cf. respectivamente Za/ZA II “O menino com o espelho” e Za/ZA III “Dos renegados”, 2ª Sub-seção.
- (47) EH/EH, Por que escrevo livros tão bons, § 3, que retoma a passagem de Za/ZA III “Da visão e enigma”, 1ª Sub-seção.
- (48) Cf. a propósito esta passagem da *Gaia Ciência*: “Não se quer apenas ser compreendido, quando se escreve, mas também, por certo, *não* ser com-

preendido. Não é de modo algum uma objeção contra um livro, se quem quer que seja o acha incompreensível; talvez isto mesmo fizesse parte das intenções do escritor, - ele não *queria* ser compreendido por 'quem quer que seja'. Todo espírito, todo gosto mais elevado, escolhe para si os seus ouvintes, quando quer comunicar-se; ao escolhê-los, impõe limites a 'os outros'. Aí têm origem todas as leis mais sutis de um estilo: elas afastam, criam distância, proíbem 'a entrada', a compreensão, como se diz, - enquanto abrem os ouvidos dos que são de ouvidos aparentados aos nossos" (FW/GC § 381).

- (49) Cf. Za/ZA III "Das velhas e novas tábuas", 19ª Sub-seção: "Eu traço círculos em torno de mim e fronteiras sagradas; sempre mais raros são os que comigo sobem montanhas sempre mais altas, - eu construo uma cordilheira de montanhas sempre mais sagradas". Nietzsche cita esta passagem em EH/EH, Assim falava Zaratustra, § 6.
- (50) Cf. Za/ZA III "Das velhas e novas tábuas", 19ª Sub-seção: "Mas para onde quer que desejeis subir comigo, tratai de que não suba convosco nenhum *parasita!*"
- (51) Cf. Za/ZA III "Das velhas e novas tábuas", 19ª Sub-seção: "Parasita: é um verme rastejante, insinuante, que quer engordar à custa de vossos recônditos doentes e feridos. E *esta* é a sua arte: adivinha, nas almas que sobem, o lugar em que estão cansadas; no vosso pesar e desânimo, no vosso delicado pudor, ali constrói o seu repelente ninho. No lugar em que o forte é fraco e o nobre, demasiado indulgente - ali dentro ele constrói o seu repelente ninho; o parasita mora onde o grande tem pequenos recônditos feridos".
- (52) Cf. Za/ZA III "Das velhas e novas tábuas", 19ª Sub-seção: "Qual é a espécie mais alta de tudo o que existe e qual a mais baixa? O parasita é a espécie mais baixa; mas quem é da espécie mais alta alimenta a maioria dos parasitas".
- (53) EH/EH, Assim falava Zaratustra, § 6, que retoma, com algumas supressões, a passagem de Za/ZA III "Das velhas e novas tábuas", 19ª Sub-seção. E Nietzsche acrescenta em sua autobiografia: "*Mas este é o conceito mesmo de Dioniso*". Não será possível, porém, explorar, no contexto deste artigo, o alcance dessa frase, que promove a identificação de Zaratustra a Dioniso.
- (54) Cf. Za/ZA III "Do espírito de peso", 2ª Sub-seção: "Mais repugnantes ainda são para mim os bajuladores; e o animal mais repugnante que encontrei entre os homens, batizei-o parasita: esse não queria amar, mas sim viver do amor".

- (55) Cf. EH/EH, Por que sou tão sábio, § 8: “Tenho nesta sensibilidade (quanto ao instinto de limpeza) antenas psicológicas, com as quais tateio e me aposso de cada segredo: já quase ao primeiro contato tomo ciência da muita sujeira *escondida* no fundo de certas naturezas, talvez devida ao mau sangue, mas disfarçada com o verniz da educação”.
- (56) De acordo com Charles Andler, já no século XVIII empregava-se o termo “filisteu” nos meios universitários. Recorria-se a ele para designar os estritos cumpridores das leis e dedicados executores dos deveres, que repudiavam a liberdade dos estudantes. Brentano e Heine, dentre outros, analisaram a figura do filisteu e nele descobriram a baixaza do espírito burguês, sempre apegado aos bens materiais. Crédulo na ordem natural das coisas e inculto em questões estéticas, esse homem de bom senso lançava mão do mesmo raciocínio para lidar com as riquezas mundanas e os bens culturais. Heine diria que ele pesava em sua balança de queijos o próprio gênio (cf. Andler 1, tomo I, p. 501). Em seus escritos, Nietzsche reclama algumas vezes a autoria da expressão “filisteu da cultura” (*Bildungsphilister*). No prefácio ao segundo volume de *Humano, demasiado Humano*, afirma: “reivindico a paternidade da agora muito usada e abusada expressão ‘filisteu da cultura’” (MAII/HHII, Prefácio, § 1). Na autobiografia, ao tratar de seu livro *David Strauss, o Devoto e o Escritor*, assegura: “A expressão ‘filisteu da cultura’ permaneceu na língua a partir deste meu escrito” (EH/EH, As Extemporâneas, § 2). E, na carta a Georg Brandes de 19 de fevereiro de 1888, declara: “A expressão ‘filisteu da cultura’, que eu formulei, permaneceu na língua a partir do vaivém enfurecido da polêmica”.
- (57) Cf. Za/ZA II “Do país da cultura”: “Longe demais voei adentrando o futuro; um calafrio de horror apoderou-se de mim. E, quando olhei a meu redor, eis que o tempo era o meu único contemporâneo. Fugi então para trás, para casa – e cada vez mais depressa; assim cheguei a vós, homens do presente, e ao país da cultura. Pela primeira vez, estava predisposto a olhar para vós, e com boa vontade; em verdade, com anseio no coração cheguei. Mas que me aconteceu? Por mais angustiado que estivesse – tive de rir! Nunca haviam visto os meus olhos algo tão sarapintado!” De início, Nietzsche intitulara essa seção “Dos homens do presente”.
- (58) Cf. DS/Co. Ext. I, § 2: “Que força é tão poderosa para decretar que isso não existe? Que espécie de homens chegou ao poder na Alemanha para proibir sentimentos tão fortes e simples ou, ao menos, impedir a sua expressão? Essa força, essa espécie de homens, vou chamá-la pelo nome: são os *filisteus da cultura*”.

- (59) Cf. DS/Co. Ext. I, § 2: “O filisteísmo sistemático que se tornou dominante ainda não é cultura, pelo fato de ter sistema, nem mesmo má cultura, e sim o seu contrário, ou seja, barbárie duradouramente estabelecida”.
- (60) Cf. Za/ZA III “Das velhas e novas tábuas”, 18ª Sub-seção: “Deixai-o (o homem morrendo de sede) deitado, até que desperte por si mesmo, – até que por si mesmo renegue todo o cansaço e o que o cansaço nele ensinou! Apenas, meus irmãos, afugentai de perto dele os cães, os hipócritas preguiçosos, e toda o enxame pululante: - todo o enxame pululante dos ‘cultivados’ – que se regala com o suor de todo herói!”
- (61) Originalmente, Nietzsche deu a “O canto noturno” o título de “O canto da solidão”, substituindo-o em seguida por “Luz sou eu”.
- (62) Cf. Za/ZA III “A volta ao lar”, em que, depois de falar aos homens na cidade, Zaratustra retorna à sua caverna e aos seus animais e a solidão vem a seu encontro, dizendo-lhe: “E ainda te lembras, Zaratustra? Quando estavas sentado na tua ilha, fonte de vinho em meio a baldes vazios, dando e presenteando, vertendo e partilhando entre sedentos, - até que por fim foste o único sedento em meio a bêbados e, à noite, lamentavas-te: ‘Não é receber mais bem-aventurado que dar? E roubar ainda mais bem-aventurado que receber?’ *Isto era abandono*”.
- (63) EH/EH, Assim falava Zaratustra, § 7, que retoma Za/ZA II “O canto noturno”.
- (64) Assim distingue-se ele dos parasitas (cf. nota 54), diferencia-se dos filisteus da cultura. Já na primeira parte de *Assim falava Zaratustra*, na seção intitulada “Do caminho do criador”, aparece a relação estreita entre amor, solidão e criação. Vale lembrar esta passagem: “Solitário, tu percorres o caminho do criador: um deus queres criar para ti dos teus sete demônios! Solitário, tu percorres o caminho do amante: amas-te a ti mesmo e por isso te desprezas, como só os amantes desprezam. Criar quer o amante, porque despreza! Que sabe do amor aquele que não teve de desprezar precisamente o que amava! Vai para a tua solidão com o teu amor e com o teu criar, meu irmão; e só mais tarde te seguirá a justiça capengando. Vai para a tua solidão com as minhas lágrimas, meu irmão. Amo aquele que quer criar para além de si e assim vai ao fundo”.
- (65) EH/EH, Assim falava Zaratustra, § 7, que retoma Za/ZA II “O canto noturno”.
- (66) Cf. Za/ZA, Prólogo, 1ª Seção: “Igual a ti, tenho de *declinar*”. Aplicado ao sol e também a Zaratustra, o termo *untergehen* inscreve-se em diferentes registros: alude ao ocaso do astro e à descida da personagem ao vale; comporta ainda a idéia de declinar, ir abaixo, sucumbir.

- (67) EH/EH, Assim falava Zaratustra, § 7, que retoma na íntegra Za/ZA II “O canto noturno”.
- (68) Prova disso é a relação que Nietzsche estabelece com Wagner. Muitos anos depois da ruptura, a propósito dessa amizade que deixou de existir, ele escreve uma seção intitulada “Amizade de astros” (cf. FW/GC § 279).
- (69) Cf. EH/EH, Assim falava Zaratustra, § 4, onde Nietzsche assim descreve as circunstâncias em que compôs este canto: “Em uma *loggìa* que domina a mencionada *piazza* (trata-se da *piazza Barberinì*), da qual se avista Roma e se ouve bem abaixo no fundo murmurar a *fontana*, foi composto o mais solitário canto jamais composto, o “Canto noturno”; por esse tempo rondava-me uma melodia indizivelmente melancólica, cujo refrão reencontrei nas palavras ‘morto de imortalidade...’”
- (70) A propósito deste enigma, cf. Salaquarda 10, que investiga as relações que Nietzsche estabelece com Cosima Wagner, explorando o que simbolizam no contexto da obra do filósofo.

Referências Bibliográficas

1. ANDLER, Charles. *Nietzsche, sa vie et sa pensée*. Paris: Gallimard, 1958.
2. EMERSON. *Versuche*. Tradução para o alemão de G. Fabricius. Hannover, 1858.
3. LÄMMERT, Eberhardt. “Nietzsches Apotheose der Einsamkeit”. In: *Nietzsche-Studien* 16 (1987), p. 47-69.
4. LUKE, F. D. “Nietzsche and the Imagery of Height”. In: PASLEY, Malcolm (org.), *Nietzsche: Imagery and Thought*. Berkeley, University of California Press, 1978, p. 104-22.

5. NIETZSCHE, Friedrich. *Werke. Kritische Gesamtausgabe*. Edição de Colli e Montinari. Berlim, Walter de Gruyter & Co., 1967-1978.
6. _____. *Sämtliche Briefe. Kritische Gesamtausgabe*. Edição de Colli e Montinari. Berlim, Walter de Gruyter & Co., 1975-1984.
7. _____. *Obras incompletas*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Abril Cultural, 2ª ed., 1978.
8. PASCUAL, Sanchez. “Notas”. In: *Así habló Zaratustra*. Tradução de Sanchez Pascual. Madri, Alianza Editorial, 14ª reimpressão, 1988.
9. QUINOT, Armand. “Essai d’introduction au Zarathoustra”. In: *Nietzsche. Études et témoignages du cinquanteaire*, Société française d’études nietzschéennes. Paris, Éditions Charles Testanière - Forcalquier, 1950, p. 49-81.
10. SALAQUARDA, Jörg. “Noch einmal *Ariadne*. Die Rolle Cosima Wagners in Nietzsches literarischem Rollenspiel”. In: *Nietzsche-Studien* 25 (1996), p. 99-125.

Abstract: Starting from examining *Ecce homo* and quotations of *Thus spoke Zarathustra* included by Nietzsche in *Ecce homo*, this paper intends to investigate the place that solitude occupies and the role that it plays in the context of Nietzschean philosophy. It intends to show that solitude is prophylactic, regenerative, distinctive mark, and condition for the thinking itself. Finally, it intends to show that solitude is well-defined, whereas it becomes radical.

Key-words: Nietzsche – Zarathustra – silence – solitude